

O sincretismo entre linguagens verbais e visuais

Seraphim Pietroforte

conteúdo semântico e expressão sincrética

As questões e problemas do sincretismo começam por sua definição, porquanto, mal resolvida, geram-se incongruências desde o princípio de quaisquer discussões sobre o tópico. No verbete “sincretismo”, do *Dicionário de semiótica*, de Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés (Greimas e Courtés, s.d.), constam as seguintes afirmações:

Num sentido mais amplo, serão consideradas como sincréticas as semióticas que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação; da mesma forma, a comunicação verbal não é somente de tipo linguísticos: inclui igualmente elementos paralinguísticos (como a gestualidade ou a proxêmica), sociolinguísticos etc.
(Greimas e Courtés, s.d.: 426)

Há, pelo menos, duas insuficiências na definição, isto é, o conceito de linguagem e as considerações sobre os domínios do paralinguístico. Quanto ao conceito de linguagem, no verbete do mesmo dicionário, explica-se desta maneira:

Pode-se dizer que a linguagem é objeto do saber, visado pela semiótica geral (ou semiologia): não sendo tal objeto definível em si, mas apenas em função dos métodos e dos procedimentos que permitem sua análise e/ou sua construção, qualquer tentativa de definição da linguagem (como faculdade humana, como função social, como meio de comunicação etc.) reflete uma atitude teórica que ordena a seu modo o conjunto dos “fatos semióticos”. O menos comprometedor é talvez substituir o termo linguagem pela expressão conjunto signifiante. Partindo do conceito intuitivo de universo semântico, considerado como o mundo apreensível na sua significação, anteriormente a qualquer análise, tem-se o direito de estabelecer a articulação desse universo em conjuntos significantes ou linguagens, que se justapõem ou se superpõem uns aos outros. Pode-se igualmente tentar indicar algumas características que parecem aplicar-se ao conjunto das linguagens. Assim, todas são biplanas, o que quer dizer que o modo pelo qual elas se manifestam não se confunde com o manifestado: a língua falada é feita de sons, mas seu propósito não é falar

de sons; os assobios do golfinho significam algo diferente dos ruídos que ele emite etc. Além disso, toda linguagem é articulada: projeção do descontínuo sobre o contínuo, ela é feita de diferenças e de oposições.
(Greimas e Courtés, s.d.: 259-260)

Logo nas considerações iniciais, linguagem se define, amplamente, segundo os pontos de vista do teórico; dessa maneira, o enunciador do dicionário chama linguagem ao conjunto significante, valendo-se das terminologias herdadas de Ferdinand de Saussure e Louis Hjelmslev. Nessas circunstâncias, porque toda linguagem é biplana, quer dizer, formada pelos planos de conteúdo e de expressão; o conjunto significante encontra-se nos domínios do plano de expressão, enquanto o conteúdo, nesse contexto, revela-se semântico, constituindo o conjunto significado, cuja expressão se manifesta em diferentes conjuntos significantes, sejam verbais, visuais, musicais, gestuais, de sabor, de odor, de tato, sincréticos etc. No entanto, quando a definição de linguagem coincide com o conjunto significante, omite-se a sistematização dos modos de ser desse conjunto, gerando-se imprecisão na definição de sincretismo enquanto acionamento de várias linguagens.

O conjunto significante da semiótica verbal pertence à fonologia; estudado pela linguística, tal conjunto serve de base para a definição de língua. Todavia, por meio da relação de contradição, muitas vezes o verbal se utiliza na definição dos demais sistemas que, designados não-verbais, ou seja, definidos negativamente, perdem especificidade. Apesar disso, seria o sincretismo a complexificação entre o verbal e o não-verbal?

No caso da canção, do cinema falado ou do teatro, a resposta é afirmativa; cabe indagar, contudo, se em espetáculos de mímica musicados há sincretismo entre gestualidade e música, mesmo sem a presença de semiótica verbal. Consequentemente, por não haver afirmação na definição de não-verbalidade, os conjuntos significantes não-verbais constituem massa quase amorfa, gerando imprecisões quando se define sincretismo como manifestação da diversidade deles.

Para prosseguir, quanto às insuficiências do escopo da paralinguagem, inclusive nos domínios da semiótica verbal, há contradições. Ainda no mesmo dicionário, há a seguinte definição de elementos paralinguísticos:

Consideram-se paralinguísticas grandezas do domínio de semióticas não-linguísticas, produzidas em concomitância com as mensagens orais ou gráficas das línguas naturais. Agrupam-se, sob esta etiqueta, de um lado os

fenômenos de entonação, de gestualidade, de atitudes somáticas etc., e, do outro, a escolha dos tipos, a paginação etc. O termo paralinguístico (ou mesmo paralinguagem) representa um ponto de vista estritamente linguístico que, ao mesmo tempo que reconhece a existência de outras práticas semióticas, considera-as secundárias ou acessórias.

(Greimas e Courtés, s.d.: 259-260)

A entonação não se configura paralinguística; ela pertence, isto sim, aos domínios da linguística, realizando-se de forma contínua, quer dizer, contrariamente à descontinuidade dos sistemas fonológicos. Em nível suprasegmental, a entonação é incluída por Hjelmslev na forma da expressão; para o autor, as formas linguísticas se distribuem em constituintes e caracterizantes, responsáveis, respectivamente, pela descrição de grandezas descontínuas, como os cenemas – ou fonemas, na nomenclatura canônica da linguística geral –, e grandezas contínuas, como os prosodemas, constituídos por curvas entoativas e acentuação tônica (Todorov e Ducrot, 1977: 34).

Isso posto, o que faz a entonação parecer não-verbal é a proximidade com a música por meio dos conceitos de melodia e ritmo, pois, enquanto curva melódica, a curva entoativa sugere melodias e os acentos tônicos, acentos rítmicos. A semiótica da canção, de Luiz Tatit, vale lembrar, repousa predominantemente nessa relação, permitindo considerar a canção enquanto maximização de procedimentos presentes na fala (Tatit, 1996: 11-14).

Nessas circunstâncias, além da curva entoativa marcada por acentos tônicos, o verbal se aproxima do musical porque em ambos há semióticas manifestadas em sequência, ou seja, tanto peças musicais quanto textos verbais necessitam da distribuição sequencial de notas musicais ou de fonemas para se manifestar. Na semiótica visual, contudo, a manifestação, diferentemente, surge em paralelo, dando-se no espaço e não no tempo, conforme a música e as línguas naturais.

À vista disso, mediante as formas contrárias de manifestação *em sequência* vs. *em paralelo*, sistematizam-se melhor os conjuntos significantes que as formas contraditórias *verbal* vs. *não-verbal*; nessa proposta, há semióticas manifestadas cronologicamente, como a música e as línguas naturais, ou manifestadas topologicamente, feito a pintura, a escultura e a fotografia, havendo ainda as semióticas complexas, tais quais a história em quadrinhos, a ópera, o cinema e a escrita, quando se dispõem, no espaço, semióticas desenvolvidas no tempo.

A proposta de sistematizar os conjuntos significantes *em sequência vs. em paralelo* não é nova, encontrando-se sugerida na sistematização de Cidmar Teodoro Pais (Pais, 1982: 53-58); com ela, resolve-se a definição de sincretismo por meio da complexificação entre semióticas *em sequência vs. em paralelo*, sistematizando-se os conjuntos significantes com base nas colocações em discurso, em vez de tomar por referência um tipo discursivo e seus contraditórios, conforme na colocação *verbal vs. não-verbal*.

Por fim, cabe, em cada forma de arranjo textual, determinar as categorias constitutivas das diferentes semióticas envolvidas. Na colocação em paralelo, por exemplo, trata-se da realização da música por meio de categorias musicais e, das línguas naturais, por meio de categorias prosódicas e fonológicas; verificam-se, ainda, as confluências das linguagens verbais com a semiótica da canção quando categorias prosódicas coincidem com categorias musicais; nas artes visuais, feito o cinema, concerne determinar como as categorias visuais são sequencializadas por meio de categorias cinéticas.

Entre o verbal e o visual

Verificar relações entre o verbal e o visual implica, pelo menos, três procedimentos: (1) debruçar-se sobre o estatuto da colocação em paralelo das categorias visuais articuladas com a colocação em sequência das categorias fonológicas; (2) apreender a conversão da semiótica verbal em semiótica visual mediante a escrita; (3) mostrar os modos do plano de conteúdo se manifestar entre a semiótica verbal e a semiótica visual. Isso posto, devido à complexidade das questões apresentadas, nos itens seguintes cuida-se apenas do último tópico.

De acordo com a semiótica narrativa e discursiva, o plano de conteúdo se forma no percurso gerativo do sentido e manifesta-se no plano de expressão; no escopo do modelo, a realização do conteúdo independe do plano de expressão. Dessa maneira e em linhas gerais, pertencem, aos domínios do conteúdo, a colocação em discurso das categorias de pessoa, tempo e espaço, revestidas por percursos figurativos, coincidentes com os significados dos signos do sistema semiótico utilizado; no plano de expressão se manifesta, portanto, a figuratividade resultante da geração do sentido.

Dessa perspectiva, na articulação entre a semiótica verbal e a semiótica visual, o percurso figurativo, quando expresso no mesmo plano de expressão, manifesta-se

distribuído entre categorias fonológicas e categorias visuais de modos distintos; em seguida, descrevem-se tais possibilidades de expressão e os respectivos efeitos de sentido.

A figuratividade e a retórica da imagem, segundo R. Barthes

No texto “A retórica da imagem” (Barthes, 1984: 27-41), Roland Barthes define dois modos de relação entre língua e imagem (Barthes, 1984: 31-34): (1) há o modo de ancoragem, quando o verbal, ao explicar a imagem, reduz sua polissemia; (2) há o modo de etapa, quando o verbal e a imagem “são fragmentos de um sintagma mais geral” (Barthes, 1984: 33).

Em fotos jornalísticas, a legenda, ao interpretar a imagem, cumpre função de ancoragem; em histórias em quadrinhos, diferentemente, as falas se articulam com as imagens em função de uma narrativa geral, ora expressa verbal ora plasticamente. Na proposta de Barthes, o verbal em etapa não se limita a reduzir a polissemia das imagens, mas integra-se a elas na construção do sentido.

No livro *Semiótica visual – os percursos do olhar* (Pietroforte, 2003), analisa-se a ancoragem nesta foto de Alceu Toledo Jr., publicada na revista *Placar*, especializada em futebol:



Ancorando a imagem, há duas legendas: (1) aquela destacada por fonte maior, “a bola rola solta na cadeia”; (2) e a outra, em fonte menor, colocada no canto direito,

com os dizeres “na casa de detenção do Carandiru, o futebol é mais que uma simples diversão entre os presos”. Ambas expressam o mesmo conteúdo, entretanto, enquanto na primeira se enfatiza a função poética da linguagem, na segunda se destaca a função referencial.

Em relação à segunda legenda, vale lembrar, a figuratividade, no plano de conteúdo do texto, reveste as categorias discursivas de pessoa, tempo e espaço; na relação entre o verbal e o visual, no caso da foto do futebol, tanto a imagem quanto a legenda manifestam o mesmo percurso figurativo, havendo, portanto, ancoragem. Assim, a legenda explica a foto porque há redundância de informação, com a figuratividade formada no conteúdo expressando-se tanto por fonemas quanto por imagens.

Dessa forma, se na imagem visual da fotografia há presos jogando futebol no Carandiru, na frase se diz o mesmo por meio de imagens acústicas – quer dizer, por meio de fonemas –; evidentemente, para quem não conhece a casa de detenção, a foto, isolada de quaisquer dizeres, motivaria interpretações distintas, por exemplo, se seriam moradores do Singapura jogando futebol, ou, quem sabe, estudantes praticando o mesmo esporte em frente a moradias estudantis.

Nessas circunstâncias, ao se apresentar com natureza polissêmica, a imagem adquire especificidade somente por meio de legendas, capazes de levar à identificação do lugar com o Carandiru e não com prédios do projeto Singapura, assim como das pessoas com presidiários e não com moradores de habitações populares. Na ancoragem, portanto, confirma-se a identificação da figuratividade mediante as duas semióticas envolvidas, ou seja, o visto coincide com o dito.

Na função de etapa, diferentemente, a figuratividade se distribui distintamente entre a semiótica verbal e a semiótica visual; tal processo se configura nesta história em quadrinhos da Mafalda, de Quino:



Dentre os variados temas tratados por Quino e a Mafalda encontra-se a compreensível aversão da menina por sopas; no texto citado, a figuratividade se forma pelas pessoas do discurso, isto é, Mafalda e sua mãe, e o espaço correspondente à entrada da casa e ao quarto dos pais, com a descrição das personagens femininas e dos ambientes manifestando-se na semiótica visual e o discurso em torno da sopa na semiótica verbal.

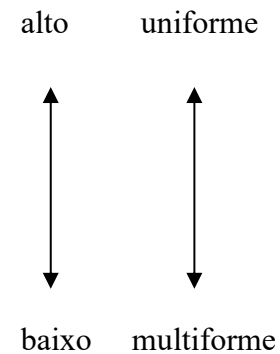
A figuratividade, por conseguinte, distribui-se entre o verbal e o visual de modo a ser partilhada por eles sem redundâncias; dessa forma, os elementos se manifestam ora plasticamente – feito Mafalda e sua mãe, a entrada da casa e o quarto dos pais –, ora verbalmente – feito a história da sopa –. O verbal, nesses casos, coincide com uma etapa da manifestação do percurso figurativo e não com a explicação redundante da semiótica visual.

Por fim, abordando Barthes com a semiótica, conclui-se que, na ancoragem, a figuratividade, formada no plano de conteúdo, manifesta-se mediante a identificação figurativa entre o visto e o dito; na etapa, distintamente, algumas figuras são vistas e outras, ditas.

o semissimbolismo

Além dos dois modos distintos de manifestação do conteúdo distribuída entre o verbal e o visual, examinadas no item anterior, leva-se em conta a formação de correlações entre categorias semânticas, fonológicas e visuais, ou seja, de semissimbolismo. Tais correlações, embora envolvam a figuratividade, pertencem a níveis mais profundos de realização semiótica, tanto na forma do conteúdo quanto na da expressão.

Entre a legenda “a bola rola solta na cadeia” e a imagem da foto de Alceu Toledo Jr. ocorre semissimbolismo, analisado pormenorizadamente no terceiro capítulo do livro *Semiótica visual – os percursos do olhar* (Pietroforte, 2004: 57-64); naquele texto, na articulação da legenda com a fotografia determina-se, no plano de conteúdo, a categoria semântica fundamental *opressão vs. liberdade* e sua homologação ora com categorias visuais ora com categorias fonológicas. Dessarte, na imagem vista, a categoria topológica *alto vs. baixo* distribui a categoria eidética *uniforme vs. multiforme*, expressando-se, por meio dela e respectivamente, as janelas dos prédios e a partida de futebol:



Nesse contexto, porque pertencem às celas, as janelas – expressas com características *uniformes* e no *alto* – figurativizam a *opressão*; contrariamente, a partida de futebol – expressa por silhuetas *multiformes* e em *baixo* – sugere a *liberdade*. Consequentemente, verifica-se uma relação semissimbólica entre a categoria semântica e as categorias visuais estabelecidas:

plano de conteúdo	opressão vs. liberdade
plano de expressão visual	alto vs. baixo uniforme vs. multiforme

Na semiótica verbal, a oração “a bola rola solta na cadeia” fundamenta-se pela mesma categoria semântica, isto é, *opressão vs. liberdade*; o plano de expressão, por sua vez, forma-se com base na categoria fonológica *posterior vs. anterior*, aplicada às zonas de articulação das vogais na cavidade bucal. Para demonstrar isso, constata-se, na sequência “A bola rola solta”, a presença das vogais /o/ e /o/, articuladas na zona posterior, ao passo que na sequência “na cadeia”, surgem a vogal /e/ e a semivogal /j/, ambas formadas na zona anterior. Revela-se, portanto, outra relação semissimbólica, no caso, entre a categoria semântica e a categoria fonológica, pois os conteúdos de *liberdade* se manifestam na zona de articulação *posterior* e os valores de *opressão*, na zona *anterior*.

/abolaxolasowta nakadeja/	
plano de conteúdo	liberdade vs. opressão
plano de expressão fonológico	vogal posterior vs. vogal anterior

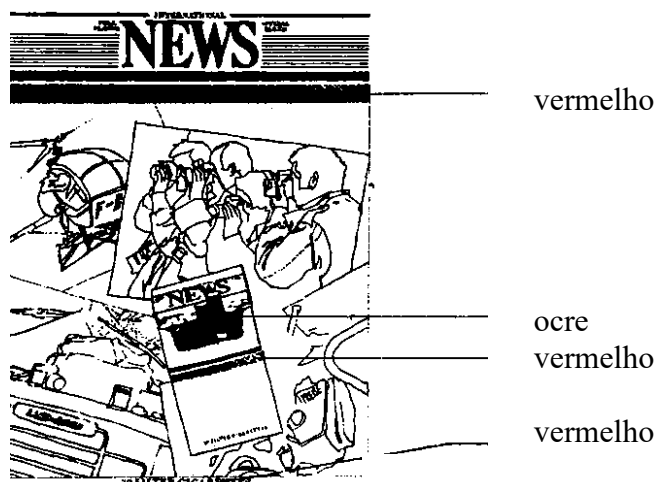
Nesse primeiro exemplo de semissimbolismo, a categoria semântica se correlaciona ora com categorias visuais ora com categorias fonológicas, vinculando-se a semiótica visual com a semiótica verbal por meio do plano de conteúdo, que se torna comum às duas semióticas envolvidas mediante ancoragem:

	semiótica visual	semiótica verbal
plano de expressão	alto vs. baixo uniforme vs. multiforme	vogal anterior vs. vogal posterior
plano de conteúdo	opressão vs. liberdade	

No segundo exemplo de semissimbolismo, recorre-se ao estudo semiótico de uma propaganda de cigarros realizado por Jean-Marie Floch no texto “News: sémiotique plastique et système semi-symbolique syncrétique” (Floch, 1985: 147-169); eis o reclame:



Soma-se, a ele, a seguinte legenda de cores:



Quanto às formas, de acordo com Floch, elas se sistematizam em *regularidade* vs. *irregularidade*, pois os traços da marca do cigarro, com o nome do produto cercado por linhas horizontais, contrastam com as fotografias dispostas desordenadamente no texto do cartaz; em síntese, trata-se da realização das seguintes categorias eidéticas: (1) em *paralelo* vs. *em rede* – as linhas que intercalam as fotos vs. as linhas divisórias das fotografias –; (2) *ortogonalidade* vs. *ausência de ortogonalidade* – novamente, as linhas ora da marca ora das fotos –; e (3) *simetria* vs. *assimetria* – a disposição das linhas horizontais vs. a aleatoriedade das fotografias –. Quando às cores, sejam as linhas vermelhas sejam o preto e branco das fotos, encontram-se dispostas, respectivamente em: (1) *por saltos* vs. *por graduação* – branco e vermelho vs. as nuances do preto e branco –; (2) *cor pura* vs. *jogo de valores* – branco ou vermelho vs. nuances de cinza –; (3) *policromatismo* vs. *monocromatismo* – cores vs. preto e branco –; (4) *cores puras* vs. *cores em nuance* – novamente, branco ou vermelho vs. nuances de cinza –.

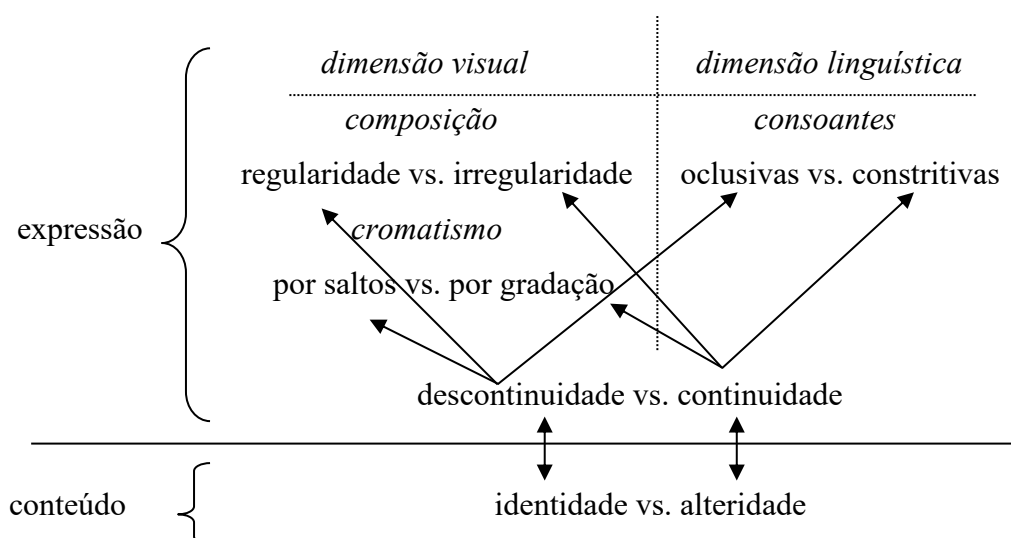
Em seguida, Floch mostra que tanto as categorias eidéticas quanto as cromáticas se revelam, em maior grau de abstração, sistematizadas pela categoria formal *descontinuidade* vs. *continuidade*; para prosseguir, eis as correlações traçadas pelo autor:

descontinuidade	eidéticas	regularidade	em paralelo	ortogonalidade	simetria
	cromáticas	por saltos	cor pura	policromatismo	cores puras
continuidade	eidéticas	irregularidade	em rede	ausência de de ortogonalidade	assimetria
	cromáticas	por graduação	jogo de valores	monocromatismo	cores em nuance

Quanto ao conteúdo, nele se associa o ato de fumar e seus prazeres à marca News, relacionada, por polissemia, ao jornalismo e suas aventuras, expressas nas fotografias – em inglês, News também significa notícia –; nesse contexto, o cigarro News se firma, justamente, em relação àquelas aventuras mediante a categoria semântica *identidade vs. alteridade*, isto é, algo em comum contrastado a fatos diversos. Dessa maneira, uma vez que o cigarro se expressa segundo as formas e cores da *descontinuidade* e as práticas jornalísticas se expressam conforme as formas e cores da *continuidade*, a categoria formal *descontinuidade vs. continuidade*, além de sistematizar a forma e o cromatismo, homologa-se com a categoria semântica *identidade vs. alteridade* na relação semissimbólica (*identidade / descontinuidade*) vs. (*alteridade / continuidade*), regente do texto da propaganda

Até então, o estudo de Floch se restringe à semiótica visual; ao estudar o slogan do cigarro, ou melhor, a legenda “take a break in the rush”, verifica-se a subordinação ao mesmo semissimbolismo. No lema, a categoria semântica *identidade vs. alteridade*, referente, respectivamente, a fumar e à investigação jornalística, relaciona-se, no plano de expressão, com a *descontinuidade* das consoantes oclusivas da sequência “take a break” e a *continuidade* das consoantes constrictivas da sequência “in the rush”.

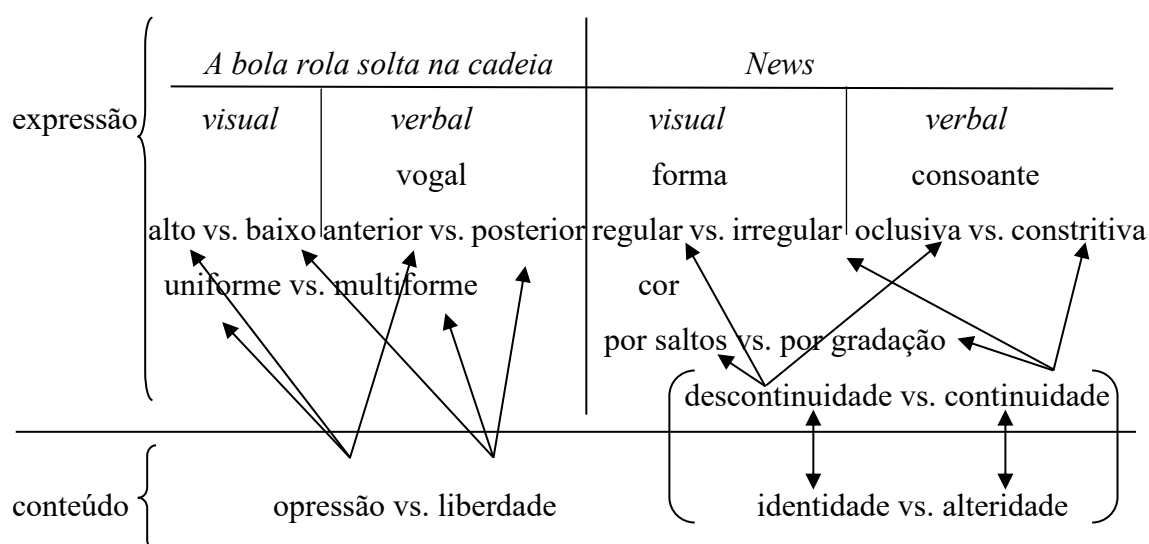
Esquematicamente, as relações semissimbólicas configuram-se assim:



O trabalho de Floch se mostra minucioso na desmontagem semiótica do texto da propaganda, minúcia que não foi intenção reproduzir aqui. Os objetivos ao citar seu trabalho, no entanto, não são se resumem a outro exemplo de semissimbolismo – para

tanto, bastaria o texto da revista Placar, apresentado antes –; o resumo das conclusões de Floch se torna pertinente porque as relações semissimbólicas determinadas diferem do exemplo anterior.

Em “a bola rola solta na cadeia”, a dimensão visual do texto se relaciona com a dimensão verbal por meio de relações com o conteúdo, sem a presença de categorias de expressão para sistematizá-las entre si; na propaganda do cigarro News isso já acontece quando a categoria formal *descontinuidade vs. continuidade* permite sistematizar tanto a dimensão visual quanto a verbal. Em vista disso, eis o contraste entre as formas semióticas de ambos os textos:



Esse fenômeno semiótico aponta para dois tipos de semissimbolismo entre o verbal e visual: (1) ora categorias verbais se relacionam com categorias visuais por meio de categorias do conteúdo; (2) ora há, pelo menos, uma categoria formal de expressão, comum às duas semióticas envolvidas, a sistematizar o verbal e o visual, dando-se, por meio dela, a relação semissimbólica com as categorias semânticas.

Em outras palavras, há o semissimbolismo verbo-visual em que formas visuais e formas fonológicas se correlacionam mediante formas semânticas; e há o semissimbolismo verbo-visual em que formas visuais e formas fonológicas sistematizam-se por, pelo menos, uma categoria formal do plano de expressão, por sua vez, correlacionada a formas semânticas. Ao primeiro caso, propõe-se chamar *semissimbolismo parcial*; ao segundo, *semissimbolismo total*.

figuratividade e semissimbolismo entre o verbal e o visual

Tanto os resultados obtidos por meio das propostas de Barthes quanto as aplicações do semissimbolismo se revelam fenômenos de distribuição figurativa entre o verbal e o visual; o que se diferencia neles, contudo, são o modo e o grau das relações semióticas. Isso posto, o modo diz respeito à distribuição do percurso figurativo entre o verbal e o visual, pois o verbal cumpre função de ancoragem ou de etapa; o grau, por sua vez, responde pela complexidade das relações entre categorias semânticas, fonológicas e visuais, indo da ausência de semissimbolismo ao semissimbolismo parcial ou total.

Nessa semiótica, articulando modos e graus de distribuição figurativa, sistematiza-se o processo de vinculação da semiótica verbal com a semiótica visual no mesmo plano de expressão. Para tanto, partindo do verbal na função de ancoragem e sem quaisquer relações semissimbólicas entre o verbal e o visual, há o exemplo da foto da revista Placar somada à legenda “na casa de detenção do Carandiru, o futebol é mais que uma simples diversão entre os presos”. Nesse caso, o percurso figurativo do plano de conteúdo se manifesta com redundância nas duas semióticas envolvidas, isto é, o dito coincide com o visto, afirmando-se o mesmo significado entre imagens acústicas e imagens visuais; logo, há identificação entre as duas semióticas.

Nessa relação verbo-visual, nada impede a ocorrência de semissimbolismo entre categorias visuais e semânticas envolvendo a poeticidade da imagem vista; a ancoragem verbal, contudo, no caso de identificação figurativa, não se forma por relações semissimbólicas entre categorias fonológicas e semânticas. Nesse caso, propõe-se chamar *ancoragem simples* a tal modo de ancoragem. Entretanto, quando surgem relações semissimbólicas na ancoragem verbal, nega-se a identificação entre o verbal e o visual da *ancoragem simples*, com a semiótica verbal singularizando-se em relação à semiótica visual.

Esse é, justamente, o caso de *semissimbolismo parcial*, pois nele se relacionam, na semiótica verbo-visual, categorias fonológicas por meio de, pelo menos, uma categoria semântica. Assim, dotando-se a mensagem verbal, em meio a expressões visuais, de efeitos poéticos próprios do semissimbolismo ou de figuras de linguagem tais quais metáforas, metonímias, rimas, aliteraões, assonâncias etc., garante-se relativa autonomia à semiótica verbal, sem se desfazer, entretanto, a identificação necessária à função de ancoragem.

A frase “a bola rola solta na cadeia” ancora a imagem da fotografia, promovendo identificação entre a figuratividade manifestada entre o verbal e o visual, mas ganha autonomia poética por estar centrada na mensagem e não na referência, conforme o caso da outra mensagem verbal presente no texto. Dessa maneira, no *semissimbolismo parcial* nega-se a identificação total entre imagem vista e imagem acústica, ocorrendo, no processo, singularização da semiótica verbal em relação à semiótica visual.

Consequentemente, na identificação figurativa verbo-visual, cria-se o efeito de sentido de referência, entretanto, a frase “a bola rola solta na cadeia” mostra-se menos específica que a frase “na casa de detenção do Carandiru, o futebol é mais que uma simples diversão entre os presos”. Na primeira frase, o significado se determina com menos densidade sêmica: (1) menciona-se “cadeia”, e não “a casa de detenção do Carandiru”; (2) sugere-se “a bola rola solta” em vez de explicar “o jogo de futebol é mais que uma simples diversão entre os presos”. “A bola rola solta na cadeia”, por sua vez, torna-se singular no efeito poético construído, manifestando a polissemia característica dos textos poéticos e permitindo, inclusive, outras leituras além do jogo de futebol entre presidiários.

A diferenciação figurativa entre as duas semióticas, por conseguinte, ocorre quando há *semissimbolismo total*, porquanto, contrariamente à identificação figurativa verbo-visual, a semiótica verbal, no processo de diferenciação, ganha total autonomia em relação à semiótica visual. Nesse processo, vale insistir, embora haja relações semissimbólicas entre categorias semânticas, visuais e fonológicas, as categorias de expressão se regem por uma categoria formal, responsável pelo semissimbolismo com o conteúdo; a semiótica verbal, por decorrência, conforme o caso de “take a break in the rush”, relaciona-se antes com essa categoria de expressão do que com a categoria semântica diretamente. Na legenda em inglês, a categoria fonológica *oclusividade vs. constrição* das consoantes relaciona-se com a categoria formal *descontinuidade vs. continuidade*, e essa categoria, por sua parte, relaciona-se com a categoria semântica *identidade vs. alteridade*; o verbal, portanto, presta contas antes à categoria formal que à categoria semântica, por isso a autonomia.

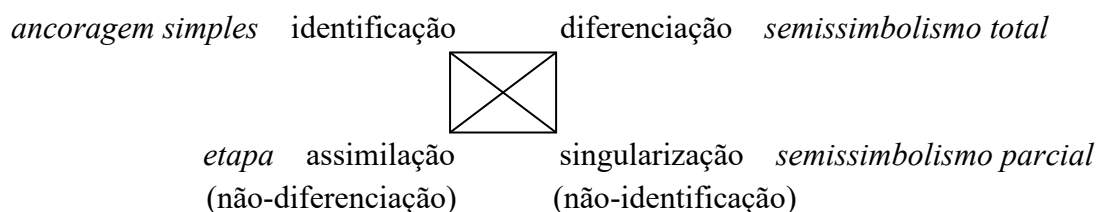
No *semissimbolismo parcial*, a falta de uma categoria formal a sistematizar as categorias da expressão impede o funcionamento independente desse plano no que diz respeito às duas semióticas envolvidas; a articulação entre o verbal e o visual no *semissimbolismo parcial* se medeia pelo conteúdo, enquanto, no *semissimbolismo total*,

ela decorre da expressão, tornando o texto verbal subordinado antes à forma da expressão que à forma do conteúdo, por isso sua independência.

Nos exemplos dados, a frase em inglês se revela ainda menos específica que a frase “a bola rola solta na cadeia” na função de ancoragem; se a frase em português ainda preserva a figuratividade expressa na fotografia, a expressão em inglês “take a break in the rush” pouco tem a ver com a imagem vista na propaganda de cigarros. Trata-se de ancoragem, a semiótica verbal explica a visual, contudo, acentua-se suficientemente sua autonomia poética para a polissemia desviar o conteúdo para outros significados.

Por fim, nega-se a diferenciação entre o verbal e o visual quando a informação verbal e a imagem visual são “fragmentos de um sintagma mais geral” (Barthes, 1984: 33); nessa relação, há assimilação entre o verbal e o visual em função do “sintagma mais geral”, com a distribuição figurativa se manifestando ora por meio da semiótica verbal ora por meio da visualidade. Na terminologia de Barthes, trata-se do verbal na função de *etapa*, havendo assimilação entre as duas semióticas pelo mesmo percurso figurativo, sem identificação total entre a imagem acústica e a imagem vista.

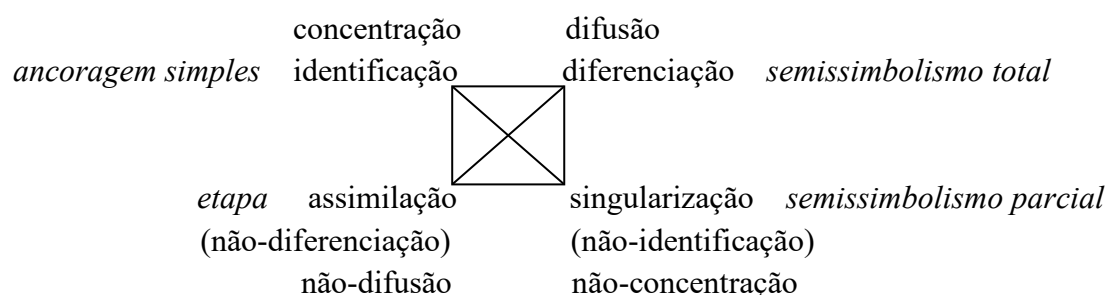
Essa rede de relações, formada pela aplicação da categoria formal *identificação* vs. *diferenciação* sobre a distribuição da figuratividade entre a semiótica verbal e a semiótica visual, articula-se no seguinte quadrado semiótico:



os efeitos de sentido das relações figurativas entre o verbal e o visual

No modelo proposto sistematizam-se correlações entre a semiótica verbal e a semiótica visual na expressão do mesmo percurso figurativo; cada possibilidade acarreta, por sua vez, seus próprios efeitos de sentido. Dessa maneira, na *identificação*, a função de *ancoragem simples* estabelece com a imagem efeitos de referência, pois, nas coincidências entre o dito e o visto, criam-se correspondências responsáveis pela *concentração* de sentido em torno do visto, explicado e confirmado pelo dito.

Essa *concentração*, entretanto, nega-se na singularização do dito no *semissimbolismo parcial*, para, em seguida, ser contrariada nas diferenciações do dito no *semissimbolismo total*, afirmando-se, assim, a *difusão* do sentido, própria das mensagens poéticas, confirmada pela polissemia do verbal nessas circunstâncias. Tal *difusão*, por sua vez, nega-se na função de *etapa*, quando o dito se assimila ao visto, subordinando-se ao “um sintagma mais geral” (Barthes, 1984: 33), perdendo, conseqüentemente, autonomia poética. Por fim, eis o modelo, segundo o quadrado semiótico:



As relações semióticas deduzidas são de ordem relacional, por isso, revelam-se antes sintáticas que semânticas; por meio delas, não se definem tipologias de discursos ou semióticas visuais específicas, mas relações semióticas abstratas, capazes de descrever relações entre o verbal e o visual independentemente do tipo de discurso ou do tipo de semiótica visual realizados. Não se trata, ainda, de limitar a *ancoragem simples* aos discursos jornalísticos ou científicos e à semiótica da fotografia, ou, ainda, de restringir a *etapa* às histórias em quadrinhos; também não se considera que, em HQs, ocorra apenas o verbal na função de *etapa*, encontrando-se nelas *ancoragem simples* e *semissimbolismo parcial* ou *total*. No modelo se descrevem, portanto, relações figurativas entre duas semióticas – a verbal e a visual –, indicando os efeitos de *concentração* e *difusão* do sentido.

bibliografia

- BARTHES, R. (1984). *O óbvio e obtuso*. Lisboa: Edições 70.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. (s.d.). *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Ática.

- JAKOBSON, R. (s.d.). *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- PAIS, C. T. (1982). Elementos para uma tipologia dos sistemas semióticos. *Revista brasileira de linguística*, São Paulo: Duas Cidades, 6 (1), 45-60.
- ____ (1984). Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. **Revista brasileira de linguística**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 43-65.
- PIETROFORTE, A. V. (2004). *Semiótica visual – os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto.
- ____ (2007). *Análise do texto visual – a construção da imagem*. São Paulo: Contexto.
- ____ (2008). *Tópicos de semiótica – modelos teóricos e aplicações*. São Paulo: Annablume.
- QUINO (1983). *13 anos com Mafalda*. 1.ed. Lisboa: Dom Quixote.

São Paulo, 20 de março de 2026